



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
1996-2022

CORRELAÇÃO ENTRE ORTOGRAFIA E PERCEPÇÃO DE CONSOANTES OCLUSIVAS DO PORTUGUÊS: O CASO DE ALUNOS QUE TÊM O EMAKHUWA COMO L1E

*CORRELATIONS BETWEEN SPELLING AND PERCEPTION OF OCCLUSIVE CONSONANTS IN
PORTUGUESE: THE CASE OF STUDENTS WHO HAVE EMAKHUWA AS L1*

Carlos Antonio Nhaca Zimba

<https://orcid.org/0000-0002-3579-5857>

Ana Ruth Moresco Miranda

<https://orcid.org/0000-0002-1380-5751>

Resumo: No presente artigo, com base no teste não paramétrico de Spearman, propusemo-nos a verificar as eventuais correlações entre conhecimento fonológico ao nível perceptual-auditivo e ortográfico no domínio de consoantes oclusivas. Partimos dos pressupostos de que os dados da escrita revelam conhecimento fonológico acerca do sistema linguístico (KATO, 1997; ABAURRE, 1991). Estão envolvidos no estudo 20 alunos moçambicanos que têm Emakhuwa como língua materna (L1) e Português como segunda língua (L2) e fazem parte do grupo experimental. Foi também criado outro grupo de controle de 20 alunos moçambicanos que têm o Português como L1. Para a coleta de dados de percepção da fala foi usado um teste para identificação de contrastes fonológicos do Português na posição de Onset silábico. Para a coleta de dados da escrita foi usado um ditado de imagens. Como resultado, verificou-se, ao nível da classe oclusiva, a falta de correlações entre percepção e ortografia no grupo experimental, assim como no grupo de controle. No interior da classe oclusiva foi observada uma correlação fraca a moderada no traço [+ voz] ao nível do grupo experimental e nenhuma correlação no grupo de controle. O estudo concluiu que o avanço da escolarização, provavelmente, tenha sido responsável pela falta de correlações entre ortografia e percepção, ao nível do grupo experimental, assim como no grupo de controle.

Palavras-chave: Percepção; Ortografia; Segunda língua; Língua materna.

Abstract: In this article, based on Spearman's non-parametric test, we proposed to verify the possible correlations between phonological knowledge at the perceptual-auditory and spelling level in the domain of stop consonants. We assume that writing data reveal phonological knowledge about the linguistic system (KATO, 1997; ABAURRE, 1991). Twenty Mozambican students who have Emakhuwa as their mother tongue (L1) and Portuguese as their second language (L2) are involved in the study and are part of the experimental group. Another control group of 20 Mozambican students who have Portuguese as their L1 was also created. To collect speech perception data, a test was used to identify phonological contrasts of Portuguese in the syllabic onset position. For the collection of writing data a dictation of images was used. As a result, it was verified, at the level of the stop class, the lack of correlations between perception and spelling in the experimental group, as well as in the control group. Within the stop class, a weak to moderate correlation was observed in the feature [+ voice] at the level of the experimental group and no correlation in the control group. The study concluded that the advance in schooling was probably responsible for the lack of correlations between spelling and perception, at the level of the experimental group, as well as in the control group.

Keywords: Perception; Orthography; Second language; Mother tongue.

INTRODUÇÃO



A análise dos sistemas fonológicos do *Emakhuwa*¹ e do Português² permite verificar algumas diferenças no âmbito da classe das consoantes oclusivas que consistem na ausência em *Emakhuwa* das contrapartes vozeadas /b, d, g/, que ocorrem no sistema do Português (MATEUS, 2003; NGUNGA e FAQUIR, 2012). Estas diferenças têm tido reflexos na aprendizagem do Português, tanto na componente oral, assim como na escrita.

No domínio da oralidade, alguns estudos (FIRMINO, s/d; GONÇALVES, 2010; ASHBY e BARBOSA, 2011; NGUNGA, 2012) mostraram que determinados falantes adultos do Português como L2 e que tinham *Emakhuwa* como L1 transformaram consoantes vozeadas em não vozeadas. No domínio da escrita, o estudo de Zimba (2014) mostrou que alguns informantes adultos com *Emakhuwa* como L1 escreveram as consoantes oclusivas vozeadas do Português como se fossem não vozeadas.

Considerando esse quadro, formulamos as seguintes perguntas: (i) Como é que crianças moçambicanas do ensino primário, 6^a classe³, com idades entre 11 e 13 anos, que têm *Emakhuwa* como L1, fazem o registo ortográfico de consoantes oclusivas vozeadas do Português como L2, considerando que estas consoantes não estão disponíveis no seu sistema fonológico? (ii) Haverá correlações entre fonologia ao nível perceptual e a escrita ortográfica dessas consoantes pelas crianças analisadas?

Há estudos de aquisição de línguas como os de Penido e Rothe-Neves (2013); Roque e Berti (2015), que já demonstraram que durante o processo

1 De acordo com a classificação de Guthrie (1967-71), apud Ngunga (2004, p. 46), *Emakhuwa* é uma língua bantu e pertence à Zona P, Grupo Makhuwa-Lomwe, e tem o código P 31. O nome dessa língua e a sua ortografia variam consideravelmente. Pode-se encontrar escrito Makua, Macua, Macoua, Emakwa, Emakhuwa ou Emakhuwane. Esta última forma é muitas vezes usada como sinónimo do Makhuwa Central (cf. KROGER, 2005). Para o presente artigo, vamos adotar a forma *Emakhuwa*, por ser aquela que está convencionada no livro sobre padronização de línguas moçambicanas (cf. NGUNGA e FAQUIR, 2011).

2 No presente artigo quando nos referimos ao Português temos em conta a variante europeia que em Moçambique é tida como referência. Nos casos em que nos referindo à variante moçambicana do Português usamos a designação Português de Moçambique (PM)

3 A 6^a classe em Moçambique corresponde a 7^o ano no Brasil.



de aquisição da linguagem, as crianças para além de produzirem, também percebem e organizam os contrastes nativos da sua língua. Neste artigo, pretendemos verificar de que modo o conhecimento ortográfico destas crianças pode refletir o conhecimento fonológico ao nível perceptual.

Temos a presunção⁴ de que o contexto de aprendizagem da escrita, em que se registam diferenças, ao nível de sistemas linguísticos, pode levar a criança a manifestar conhecimento fonológico da sua L1 (*Emakhuwa*) na sua L2 (Português).

O objetivo deste trabalho é verificar a existência de eventuais correlações entre desempenho ortográfico e fonológico ao nível perceptual em consoantes oclusivas do Português de alunos que têm o *Emakhuwa* como L1 e dos que têm o Português como L1. Nossa hipótese é a de que existam correlações entre ortografia e fonologia ao nível perceptual-auditivo.

Para sustentar a discussão das questões expostas, dividimos o estudo nas seguintes partes: Introdução; Relação entre fonologia e ortografia; Alguns estudos sobre correlação entre ortografia e fonologia ao nível de produção e de percepção; Procedimentos metodológicos; Correlação entre ortografia e percepção da fala ao nível da classe oclusiva no grupo experimental; Correlação entre ortografia e percepção da fala no interior da classe oclusiva no grupo experimental; Correlação entre ortografia e percepção da fala ao nível da classe oclusiva no grupo de controle; Correlação entre ortografia e percepção da fala no interior da classe oclusiva no grupo de controle; Discussão de resultados da correlação entre ortografia e percepção da fala e Considerações finais, seguidas das Referências.

2 RELAÇÃO ENTRE FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

4 Esta presunção, para além dos resultados de estudos apresentados na seguinte seção, baseia-se nos resultados do estudo de Zimba (2014), desenvolvido com dados de escrita de informantes com idades entre 17 e 26 anos.



Os diferentes tipos de dados de produção recolhidos no âmbito de estudos sobre aquisição da escrita têm denotado um estreitamento de relações entre teorias de aquisição da linguagem oral e teorias da aquisição da linguagem escrita alfabética. Essa relação parte do princípio da existência de cruzamentos de conhecimentos relativos à fala e à escrita no momento em que as crianças adquirem a escrita. No decurso destes cruzamentos entre esses dois campos de conhecimento, ocorrem “vazamentos” relativos à fala e à escrita no momento em que as crianças adquirem o sistema de escrita de sua língua (ABAURRE, 1991).

Miranda (2007) corroborara, de forma explícita, essa hipótese sobre “vazamentos”, quando afirma que:

(...) durante o período da aquisição da escrita, observa-se um processo bastante complexo. Esse processo, entre outros aspectos, permite que a criança tome consciência do conhecimento tácito e inconsciente da gramática da sua língua que significa competência no sentido chomskiano do termo, especificamente no que diz respeito à gramática fonológica (MIRANDA, 2007, p. 3).

206

Nesse sentido, no momento em que a criança constrói seu conhecimento sobre o sistema da escrita, faz uso das informações não apenas de suas experiências de letramento⁵, mas também daquelas relativas a outros conhecimentos já construídos, em especial, os adquiridos no decurso de suas experiências linguísticas (MIRANDA e MATZENAUER, 2010).

A partir destas constatações, foram desenvolvidas três ideias básicas que, a seguir, apresentamos e que constituem pilares que sustentam o Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (doravante GEALE)⁶, ao qual a presente pesquisa está vinculada.

Os três pilares são:

5 Entenda-se aqui letramento como resultado do ato de ensinar ou de aprender a ler e a escrever, ou por outras palavras. Trata-se de uma condição que um indivíduo ou grupo social adquire como resultado do processo de alfabetização (SOARES, 2003).

6 Este grupo é coordenado pela Professora Doutora Ana Ruth Moresco Miranda, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Faculdade de Educação (FAE). Para informação detalhada sobre a linha de pesquisa do GEALE, consulte o site wp.ufpel.edu.br/geale/.



i) Os dados da escrita revelam conhecimento fonológico acerca do sistema linguístico (ABAURRE, 1991; KATO, 1997); ii)

As crianças atualizam conhecimentos já construídos sobre gramática sonora de sua língua durante o período da aquisição da língua escrita (MIRANDA, 2009a); iii) O erro ortográfico deve ser visto como elemento fulcral para a descoberta de hipóteses formuladas pelas crianças sobre o sistema de escrita em processo de aquisição (MIRANDA, 2009b).

De acordo com Miranda (2013), quando o GEALE desenvolve estudos sobre erros ortográficos, duas linhas de pesquisa se destacam, nomeadamente, i) Erros relacionados com dificuldades derivadas do modo como o sistema ortográfico está organizado (MIRANDA, MEDINA e SILVA, 2005; GUIMARÃES, 2005; MONTEIRO, 2008) e ii) Erros que revelam o conhecimento linguístico da criança, especificamente aqueles de natureza fonológica (ROMBALDI, 2003, 2011; CUNHA, 2004; CUNHA e MIRANDA, 2006; MIRANDA, 2006, 2008; ADAMOLI, 2006, 2012; BLANK, 2013; MACHADO, 2014; OLIVEIRA, 2014).

Muito recentemente, em decorrência de contínuas reflexões acerca de dados da escrita com que o GEALE tem-se confrontado, Miranda (2020) propôs mais uma linha de pesquisa, a terceira neste caso, que tem a ver com erros relacionados ao processamento fonema-grafema.

No presente artigo, vamos considerar apenas a segunda linha, relacionada aos erros ortográficos que têm a ver com conhecimento fonológico da criança ou ainda motivados pela fala. Nessa ordem de ideias, vamos, na seção seguinte, apresentar alguns estudos do Português Brasileiro (PB) e do Português de Moçambique (PM) que vão nessa linha de orientação.

3 ALGUNS ESTUDOS SOBRE RELAÇÃO ENTRE ORTOGRAFIA E FONOLOGIA AO NÍVEL DE PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO

Nesta seção, apresentamos os resultados de várias pesquisas que tratam da relação entre ortografia e fonologia ao nível da produção e percepção da fala.....”.



Cunha (2004) é uma das estudiosas que desenvolveu uma pesquisa de mestrado, cujos objetivos eram descrever e analisar fatos de aquisição da escrita relacionados à segmentação de palavras, a fim de verificar a influência dos constituintes prosódicos nos casos de segmentação não convencional. Os resultados mostraram que, na tentativa de segmentar palavras, as crianças cometem dois subtipos de erros, a saber, i) de hipossegmentação (avuatorista (a floresta), ublusão (o blusão), umdia (um dia)) e ii) de hipersegmentação (a onde (aonde), em bora (embora), com migo (comigo)). Trata-se de erros que revelam aspectos do conhecimento linguístico.

Outra pesquisa que mostra a relação entre ortografia e fonologia ao nível da produção é a de Blank (2013), que teve como objetivo descrever e analisar as eventuais influências fonológicas em textos escritos em PB por crianças bilíngues do Pomerano-Português. No que diz respeito à troca do 'r' forte pelo 'r' fraco e à troca do ditongo nasal 'am' por 'on', os resultados de escrita revelaram erros com motivação fonológica.

Machado (2014) desenvolveu um estudo com o objectivo de descrever e analisar os erros ortográficos relacionados à fonologia presentes nas escritas iniciais de crianças bilíngues (Português-Espanhol). Os resultados mostraram trocas de consoantes, especificamente as fricativas, concretamente na classe de sons onde se regista maior diferença entre os dois sistemas em confronto. O conjunto dos segmentos consonantais⁷ [ʃ] e [ʒ], [v] e [f], [v] e [b] foi o que registou maiores ocorrências de erros que foram interpretados como decorrentes de motivação fonológica.

Oliveira (2014) desenvolveu uma pesquisa que também evidencia a relação entre ortografia e fonologia ao nível de produção, que tinha como objetivo descrever e analisar erros ortográficos concernentes à grafia dos ditongos nasais em posição final de palavra. Os resultados do estudo mostraram que os ditongos nasais sofrem diferentes alterações relativamente à grafia. Observou-se que os erros de desnasalização são

7 Os segmentos aqui apresentados deviam ser fonológicos e não fonéticos. Mantivemos a forma como aparecem no texto consultado (cf. MACHADO, 2014)



predominantes na escola pública. Na escola particular manteve-se uma nasalidade que não vai de acordo com a norma (-ão em detrimento de -am). Outro resultado trouxe evidências de que, na escrita inicial, as alterações gráficas em relação ao ditongo são predominantes na classe dos verbos. Na segunda classe, verificou-se maior concentração de erros relativos à grafia do

ditongo nasal tanto na escola pública, assim como na escola particular. Segundo a autora, eventualmente, isso tem a ver com o fato de ser nessa fase de aquisição em que a criança evidencia a influência do letramento e da oralidade.

Na variante do PM, Zimba (2014) desenvolveu uma pesquisa que tinha como objetivos identificar os tipos de erros ortográficos cometidos por estudantes em contexto de formação de professores primários e determinar as prováveis causas de sua ocorrência. Participaram do estudo 39 formandos do Instituto de Formação de Professores da Matola (IFP) que produziram, cada um deles, três textos de onde foram retirados 544 erros de ortografia. Estes erros foram distribuídos por diferentes categorias, entre as quais, a categoria das consoantes oclusivas, tendo-se constatado que todos os erros pertencentes a essa categoria foram cometidos por informantes que tinham *Emakhuwa* como L1. O estudo concluiu que fatores fonético-fonológicos, provavelmente, influenciaram os erros cometidos por esse grupo de informantes.

A terminar, realçamos que todos os resultados dos estudos apresentados revelam o estreitamento de relações entre aspetos fonológicos e ortográficos e vice-versa. Note-se que a relação nos estudos destacados foi verificada entre dados de produção e ortográficos.

Schier (2017) desenvolveu uma pesquisa longitudinal em que um dos objectivos era verificar a existência de possíveis correlações entre ortografia e percepção das oclusivas das crianças estudadas. No que diz respeito ao terceiro objectivo de Schier (2017, que é aquele que interessa ao nosso trabalho, o resultado mostrou que a correlação entre percepção-auditiva e ortografia foi nula em todos os anos para as consoantes oclusivas. De uma forma geral, o estudo concluiu que os resultados apontam para um avanço gradual na acurácia perceptual-auditiva e ortográfica à medida que foram sendo verificados avanços nos anos de escolarização.

Depois de apresentarmos os resultados da correlação entre dados ortográficos e fonológicos, tanto ao nível da produção, assim como ao nível da percepção, na secção seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos.



4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na presente pesquisa, fizemos uma coleta transversal (*cross-sectional*) de dados na fase alfabética de aquisição da escrita por parte dos participantes do grupo experimental na Escola Primária de Mitue⁸, localizada numa zona rural, na Província de Nampula. Coletamos também dados junto do grupo de controle constituído por crianças da Escola Primária de Kitanda, localizada numa zona urbana, na província de Maputo. Foram selecionados 40 participantes divididos em dois grupos: 20 do grupo experimental e 20 do grupo de controle.

Para a coleta de dados de percepção da fala foi configurado um teste que envolve contrastes fonológicos do Português na posição de *Onset* silábico. No teste, o participante é confrontado com o som correspondente à palavra-alvo e ao mesmo tempo vê na tela do computador duas imagens, sendo uma delas aquela que corresponde ao estímulo auditivo da palavra-alvo e outra que corresponde ao elemento contrastante. Por exemplo, ouve o som da palavra-alvo “Panda” e, em simultâneo, vê duas imagens na tela, sendo uma de “Panda” e outra de “Banda”, e tem que escolher forçosamente, apontando a imagem correspondente ao som ouvido. De forma automática, o programa computa o resultado para este par mínimo /p/ e /b/ e assim sucessivamente. Veja-se, na Figura 1, as duas imagens oclusivas para o par /p/ e /b/:

210

Figura 1 – Imagens oclusivas para o par /p/ e /b/

8 A escolha das escolas onde se realizou a coleta de dados foi por conveniência. Por razões éticas, os nomes das escolas e cidade/distrito onde elas se localizam são fictícios.



Fonte: Elaborado pelos autores

Realce-se que o uso de instrumentos de coleta de dados desenvolvidos no contexto brasileiro, como no presente estudo, pode influenciar nos resultados. Dessa forma, sugerimos que, para futuros estudos para a coleta de dados de percepção seja feita uma adequação dos instrumentos à variante moçambicana do Português, em coordenação com os proponentes desses instrumentos.

Para a coleta de dados da escrita foi configurado um ditado com 28 imagens. O teste de ditado foi feito da seguinte forma: i) Numa sequência de números arábicos, foi colocada uma imagem colorida e em baixo da mesma um pequeno texto com uma descrição seguida de um espaço em branco para o aluno completar com o nome da imagem descrita. Por exemplo, por baixo da imagem representativa de uma bola, a frase modelo escolhida foi a seguinte: “É o que usamos para jogar à_____.” O aluno devia preencher o espaço vazio com a palavra *bola*. Veja-se, na Figura 2, o modelo do ditado de imagens:

Figura 2 – Modelo de ditado de imagens

Nome: _____			
Classe: _____	Data: _____	Ano letivo: _____	
Escreva o nome das imagens ou o significado de cada uma delas. Caso não compreenda, apoia-se na explicação feita para cada uma delas.			
	1. É o que usamos para jogar à _____.		

Fonte: Elaboração dos autores

A partir dos dois instrumentos configurados, foram administrados aos dois grupos pesquisados os testes para a coleta de dados de percepção e de ditado de imagens. Com os dados de percepção e de ditado em nosso poder, para a verificação da relação entre

ortografia e percepção da fala foi feito um tratamento estatístico com recurso ao programa SPSS (versão 20). Estabeleceu-se um nível de significância $\alpha < 0,05$ e um intervalo de confiança de 95%.



No primeiro momento, as correlações foram verificadas ao nível da classe fonológica. Em seguida, foi verificada no interior da mesma classe fonológica. Para a análise dos erros no interior da classe fonológica, foram usados os traços binários propostos por Chomsky e Halle (1968). Apesar de a teoria de traços binários não ser capaz de dar conta de muitos problemas fonológicos (BISOL, 2005), ainda é capaz de dar resposta para alguns deles, como é o caso deste estudo.

5 CORRELAÇÃO ENTRE ORTOGRAFIA E PERCEÇÃO DA FALA AO NÍVEL DA CLASSE OCLUSIVA NO GRUPO EXPERIMENTAL

Depois da observação de uma distribuição anormal dos dados ortográficos, optamos pelo uso do teste de Spearman para a verificação de eventuais correlações entre erros de ortografia e de percepção, ao nível da classe oclusiva. Na Tabela 1, expõe-se o resultado do teste:

212

Tabela 1 – Correlações entre ortografia e percepção da fala ao nível da classe oclusiva (Teste de Spearman)

			Erros oclusivas Ditado	Erros_clusivas T. Percepção
Spearman's rho	Erros_clusivas_Ditado	Coeficiente de correlação	1,000	,257
		Sig. (2-tailed)		,275
		N	20	20
	Erros_clusivas_T. Percepção	Coeficiente de correlação	,257	1,000
		Sig. (2-tailed)	,275	
		N	20	20

Fonte: Adaptação dos autores a partir dos resultados do teste



moderada associação positiva entre os erros na classe das oclusivas, no teste de ditado e no teste de percepção, ao nível do grupo experimental. Este fato significa que quanto mais erros são cometidos num dos testes, aumentam os erros no outro teste. Porém, o valor do $p = 0.275$, superior ao nível de significância 0,05 leva à conclusão de que a associação que aparenta existir entre os erros cometidos não é significativa.

6 CORRELAÇÕES ENTRE ORTOGRAFIA E PERCEÇÃO DA FALA NO INTERIOR DA CLASSE OCLUSIVA NO GRUPO EXPERIMENTAL

Depois de apresentarmos os resultados da correlação ao nível da classe oclusiva, nas subsecções seguintes, vamos apresentar as correlações no interior da classe oclusiva do grupo experimental.

6. 1 CORRELAÇÕES ENTRE ACURÁCIA ORTOGRÁFICA E PERCEPTUAL DE TRAÇO [ANTERIOR] NO INTERIOR DA CLASSE DA OCLUSIVA NO GRUPO EXPERIMENTAL

Depois de verificação da distribuição anormal nos dados, escolhemos o teste não paramétrico de Sperman para a verificação da existência ou não de correlações entre erros de ditado e perceptuais que envolvem o traço [anterior]. Os resultados dos coeficientes de correlação de Spearman para erros de traço [anterior] são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Correlações de traço [anterior] no interior da classe oclusiva (Teste de Spearman)

Erros de traços	Correlação	Valor de p
[+ anterior]	--	--
[- anterior]	0.130	0.585
[anterior]	0.042	0.860

Fonte: Elaboração dos autores

De acordo com a Tabela 2, ao nível do traço [+ anterior], o resultado de coeficiente de correlações de Spearman

deu nulo, pelo fato de os participantes do grupo experimental não terem cometido erros no ditado e terem cometido poucos erros no teste de percepção.

Os resultados da correlação no traço [- anterior] sugerem a existência de fraca associação positiva ($\rho = 0.130$) entre os testes de percepção e ditado nos participantes do grupo experimental. Todavia, o teste de significância mostra que o resultado do coeficiente não é significativo para interpretação, isto é, não existe correlação significativa ($p > 0,05$) entre erros de ditado e de teste de percepção ao nível do traço [- anterior].

Finalmente, de acordo com a mesma tabela, o coeficiente de correlação de Spearman ($\rho = 0.042$) para erros de traço [anterior], na classe fonológica em análise, sugere a existência de uma fraca associação positiva entre os resultados dos testes de ditado e percepção. No entanto, existem fortes evidências estatísticas para a rejeição da hipótese de que, realmente, os dois testes estão associados em relação aos erros do traço [anterior].



6. 2 CORRELAÇÕES ENTRE ACURÁCIA ORTOGRÁFICA E PERCEPTUAL DE TRAÇO [VOZ] NO INTERIOR DA CLASSE OCLUSIVA NO GRUPO EXPERIMENTAL

Depois da observação de que havia uma distribuição anormal nos dados de ditado e nos de percepção, escolhemos o teste de Spearman para a verificação de eventuais correlações entre erros de ditado e de percepção, ao nível do traço [voz], no grupo experimental. Na Tabela 3, apresentamos os resultados dos coeficientes de correlação de Spearman entre o teste de percepção e o teste de ditado, no âmbito do traço [voz].

Tabela 3 - Correlações de traço [voz] no interior da classe oclusiva (Teste de Spearman)

Erros de traços	Correlação	Valor de p
[+ voz]	0.428	0.060
[- voz]	-0.330	0.156
[voz]	-0.016	0.947

Fonte: Elaboração dos autores



Tendo em conta a Tabela 3, os resultados do teste de traço [+ voz] sugerem a existência de uma moderada correlação positiva entre os resultados nos testes, ou seja, quando os erros num teste aumentam, no outro também aumentam. O teste de significância indica que há fracas evidências para rejeitar a associação efetiva entre os testes relativamente aos erros de traço [+ voz]. Portanto pode assumir-se que existe, realmente, uma correlação embora marginalmente significativa. Os erros de ditado e de percepção que envolvem o traço [+ voz] estão relativa e positivamente associados: quanto mais erros no teste de percepção, mais erros no teste de ditado.

No que diz respeito aos erros de traço [- voz], há indicação de existência de uma associação negativa fraca a moderada entre os dois testes, significando que quanto mais erros são cometidos num teste, menos erros são cometidos no outro teste. No entanto, esse resultado deve ser interpretado com cautela, pois o teste de significância ($p > 0.05$) indica a existência de evidências estatísticas para a rejeição dessa associação. Assim, conclui-se que a correlação não é significativa.

Finalmente, ao nível do traço [voz], existe a sugestão da associação negativa muito fraca entre os erros de ditado e de percepção. Todavia, este fato não é suportado pelo teste de significância, que indica que a correlação que existe é inútil para interpretação, ou seja, não existe associação entre os erros de ditado e de percepção nos dois testes ($p = 0.947$).

Tendo em conta as características específicas da L1 (falta de consoantes sonoras) dos participantes do grupo experimental, tínhamos uma expectativa de que os erros de ortografia pudessem estar associados aos erros percetuais. Isso não aconteceu, eventualmente, pelo fato de a experiência de letramento adquirida pelos participantes deste grupo ter contribuído para a ausência de correlações. Esta hipótese explicativa foi também levantada por Schier (2017) para justificar a falta de correlações entre percepção e ortografia nos participantes do estudo de contexto de L1 por si desenvolvido.

6. 3 CORRELAÇÕES ENTRE ACURÁCIA ORTOGRÁFICA E PERCETUAL DE TRAÇO

[ANTERIOR E VOZ] NO INTERIOR DA CLASSE DA OCLUSIVA NO GRUPO EXPERIMENTAL



Em decorrência de, pelo menos, em um dos testes os erros de co-ocorrência de traços [anterior e voz] apresentarem resultado nulo, não foi possível medir a associação existente entre ditado e percepção.

7 CORRELAÇÕES ENTRE ORTOGRAFIA E PERCEPÇÃO DA FALA AO NÍVEL DA CLASSE OCLUSIVA NO GRUPO DE CONTROLE

Depois que foi verificada uma distribuição anormal no ditado, optamos pela utilização do teste de Spearman para a verificação de eventuais correlações entre ortografia e percepção ao nível da classe oclusiva, no grupo de controle. Na Tabela 4, expõe-se o resultado do teste realizado:

Tabela 4 - Correlações entre ortografia e percepção da fala ao nível da classe oclusiva (Teste de Spearman)

216

		Erros_oclusivasDitado	Erros_oclusivasT. Percepção
Spearman's rho	Coeficiente de correlação	1,000	-,051
Erros_oclusivas_Ditado	Sig. (2-tailed)	.	,832
	N	20	20
Erros_oclusivas_T. Percepção	Coeficiente de correlação	-,051	1,000
	Sig. (2-tailed)	,832	.
	N	20	20

Fonte: Adaptação dos autores a partir dos resultados do teste

De acordo com o resultado do teste apresentado na Tabela 4, apesar da fraca associação ($\rho = 0.8320$) que aparenta existir, conclui-se que não existe uma correlação significativa ($p > 0.05$) entre erros de ditado e erros do teste de percepção cometidos por participantes do grupo de controle, ao nível da classe fonológica das consoantes oclusivas. A não correlação justifica-se em função do fato de o nível de significância ser superior a 5%.



8 CORRELAÇÕES ENTRE ORTOGRAFIA E PERCEÇÃO DA FALA NO INTERIOR DA CLASSE OCLUSIVA NO GRUPO DE CONTROLE

Depois da apresentação dos resultados da correlação ao nível da classe oclusiva, nas subsecções seguintes, apresentamos as correlações no interior da classe oclusiva do grupo de controle.

8. 1 CORRELAÇÕES ENTRE ACURÁCIA ORTOGRÁFICA E PERCEPTUAL DE TRAÇO [ANTERIOR] NO INTERIOR DA CLASSE DA OCLUSIVA NO GRUPO DE CONTROLE

Depois de verificarmos uma distribuição anormal de erros ortográficos e perceptuais, optamos pela utilização do teste de Spearman para o estabelecimento de correlações entre erros de ditado e de percepção ao nível de traço [anterior]. A Tabela 5 sintetiza os resultados do teste.

Tabela 5 – Correlações de traço [anterior] no interior da classe oclusiva (Teste de Spearman)

Erros de traços	Correlação	Valor de p
[+ anterior]	-0.076	0.749
[- anterior]	--	--
[anterior]	-0.096	0.686

Fonte: Elaboração dos autores

Os resultados da análise expostos na Tabela 5, relativamente aos erros de traço [+ anterior], sugerem a existência de fraca associação negativa ($\rho = -0.076$) entre os testes de percepção e ditado ao nível do grupo de controle. Essa fraca associação não é suportada pelo teste de significância ($p = 0.749$), que mostra que o resultado do coeficiente não é significativo para interpretação. Isso equivale a afirmar que entre erros de ditado e de percepção envolvendo o traço [+ anterior] a correlação não é estatisticamente significativa. Quanto aos erros de



traço [- anterior], o resultado da correlação deu nulo, em virtude de não haver erros no ditado ao nível do grupo de controle.

Finalmente, no que se refere aos erros de traço [anterior], os resultados sugerem uma fraca associação negativa entre os testes ($\rho = -0.096$). O valor de p , que é superior ao nível de significância (5%), leva-nos a concluir que os resultados dos erros traço [anterior] entre os testes não estão associados, isto é, não existe correlação entre erros de ditado e de percepção ao nível desse traço.

8. 2 CORRELAÇÕES ENTRE ACURÁCIA ORTOGRÁFICA E PERCEPTUAL DE TRAÇO [VOZ] NO INTERIOR DA CLASSE DA OCLUSIVA NO GRUPO DE CONTROLE

Depois que verificamos uma distribuição anormal no ditado e no teste de percepção, recorremos ao teste Spearman para a verificação de eventuais correlações. A Tabela 6 apresenta os resultados dos coeficientes de correlação de Spearman entre o teste de percepção e o teste de ditado para erros de traço [voz].

218

Tabela 6 – Correlações de traço [voz] no interior da classe oclusiva (Teste de Spearman)

Erros de traços	Correlação	Valor de p
[+ voz]	-0.076	0.749
[- voz]	--	--
[voz]	0	1

Fonte: Elaboração dos autores

Tendo em conta a Tabela 6, em relação aos resultados de erros de traço [+ voz] existe a sugestão de fraca correlação negativa ($\rho = -0.076$) nos testes efetuados, isto é, quando os erros num teste aumentam, no outro diminuem. No entanto, o teste de significância ($p = 0.749$) indica que esses resultados não têm validade estatística, ou seja, não são úteis para a interpretação. Assim, não existe uma correlação significativa



entre erros de ditado e percepção ao nível de traço [+ voz] no grupo de controle.

Quanto aos erros de traço [- voz], o resultado da correlação deu nulo, em virtude de não ter sido registada nenhuma ocorrência de erros no ditado ao nível do grupo de controle.

Observando os resultados acima apresentados pode-se afirmar que, em relação aos erros de ditado e de percepção ao nível de traço [voz], não existe nenhuma associação. Esse resultado é sustentado por meio do coeficiente de correlação, que é igual a zero, ou seja, os resultados dos erros de traço [voz], no ditado e no teste de percepção, são independentes.

Trata-se de um resultado que não foi ao encontro da nossa hipótese que foi formulada tendo em conta outros resultados de estudos que acharam relações entre percepção e ortografia embora admitissem que tais relações não fossem de espelhamento. Este argumento encontra sustentabilidade nas palavras de Schier (2017, p. 94) quando afirma que “Destacamos, no entanto que não se trata de um percurso linear ou de uma correspondência termo a termo entre aquisição fonológica em nível de percepção auditiva e de ortografia”.

8. 3 CORRELAÇÕES ENTRE ACURÁCIA ORTOGRÁFICA E PERCEPTUAL DE TRAÇO [ANTERIOR E VOZ] NO INTERIOR DA CLASSE DA OCLUSIVA NO GRUPO DE CONTROLE

Pelo fato de, pelo menos em um dos testes, os erros de traços [anterior e voz] apresentarem resultado nulo, não foi possível medir a associação entre os testes de ditado e de percepção.

9. DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA CORRELAÇÃO ENTRE ORTOGRAFIA E PERCEPÇÃO NA CLASSE OCLUSIVA

Relembramos que o objetivo do estudo é de verificar eventuais correlações entre erros ortográficos e perceptuais ao nível da classe oclusiva, em ambos os grupos estudados.

Relativamente ao grupo experimental, conforme foi observado, o resultado dos testes de correlação mostrou

uma associação irrelevante. Trata-se de um resultado idêntico ao do grupo de controle, em que não foi encontrada correlação significativa.



O resultado observado ao nível do grupo experimental, com Português como L2, não foi ao encontro das nossas expectativas considerando as diferenças dos sistemas fonológicos entre *Emakhuwa* e Português. Lembre-se que a nossa hipótese sugeria que o conhecimento fonológico ao nível perceptual podia correlacionar-se com o conhecimento ortográfico. Resultado idêntico ao nosso em relação ao grupo controle, com Português como L1, também foi observado no estudo de Schier (2017). A autora constatou que, na classe de consoantes oclusivas, a correlação foi nula, em todas as cinco classes de escolarização envolvidas no seu estudo. Para Schier (2017), a falta de correlação, talvez, teve a ver com o predomínio da transparência ortográfica na escrita de fonemas oclusivos em PB, isto é, cada fonema corresponde a um grafema.

A explicação apontada por Schier, sobre correspondência entre fonema e grafema, para justificar a não existência da correlação entre os dois domínios de saber em estudo, pode ser plausível para explicar a falta de correlação observada nos resultados do nosso estudo relativamente aos participantes do grupo de controle que também tem Português como L1.

Apesar de no grupo experimental não terem sido verificadas correlações, a hipótese explicativa apresentada por Schier (2017) pode não ser plausível para esse grupo, tendo em conta as diferenças dos dois sistemas fonológicos apresentados. Provavelmente, a experiência de letramento considerando que esses alunos estavam no sexto ano de escolaridade, tenha permitido que os participantes do grupo experimental se apropriassem das diferenças existentes entre os dois sistemas, fato que terá contribuído para que o conhecimento fonológico ao nível perceptual não tivesse influência no conhecimento ortográfico ao nível da classe oclusiva.

Trata-se do resultado que foi contra a corrente das previsões de Abaurre (1991) e Kato (1997) e dos resultados dos estudos desenvolvidos pelo GEALE (ROMBALDI, 2003, 2011; CUNHA, 2004; CUNHA; MIRANDA, 2006; MIRANDA, 2006, 2008; BLANK, 2013;



MACHADO, 2014; OLIVEIRA, 2014) que apresentamos que mostraram relação entre fonologia e ortografia.

Fora a experiência de letramento, o fato de a relação no presente estudo ter sido testada no domínio perceptual e não de produção, talvez possa explicar o resultado alcançado ao nível da classe oclusiva no nosso estudo.

O resultado da correlação, no interior da classe oclusiva, ao nível do grupo experimental, conforme foi visto, apontou, em grande medida, para a falta de associação entre ortografia e percepção da fala no traço [anterior] e respetivas subvariáveis. Idêntico resultado foi verificado no traço [voz] e [- voz]. Na co-ocorrência de traços [anterior e voz], conforme se viu, não foi possível medir a associação tendo em conta o resultado nulo num dos testes.

De uma forma geral, o resultado verificado no grupo experimental também observou-se ao nível do grupo de controle, com algumas diferenças, conforme já exposto. O que pretendemos destacar é que este resultado parcial aqui retomado também não foi ao encontro das nossas previsões ou hipóteses. Mais uma vez, colocamos como a hipótese explicativa o fato de as experiências de letramento terem exercido alguma influência para a falta de correlações entre ortografia e percepção ao nível de crianças que estão no sexto ano de escolarização.

Também é preciso levarmos em consideração, como parece haver indícios, a ideia de que a percepção antecede a produção dos sons, (PENIDO e ROTHE-NEVES, 2013, p. 117) e, por esse motivo, de um modo geral, as crianças demonstram determinada competência linguística, primeiramente, na percepção e depois na produção. Considerando essas ideias, eventualmente, o melhor desenvolvimento da competência linguística ao nível perceptual por parte dos participantes fez com que não houvesse interferência na ortografia.

Depois das hipóteses explicativas para dar conta da falta de correlações é preciso ter em conta a existência de um pormenor neste resultado que nos chamou à atenção para reforçar essa discussão e diz respeito ao resultado da única correlação verificada entre ortografia e percepção ao nível do traço [+ voz], que foi marginalmente significativa. Assim, entre erros ortográficos e perceptuais de participantes com *Emakhuwa* como L1 e Português como



L2 existe alguma correlação, ainda que seja marginal. Desse modo, assume-se que existe uma tendência de os participantes do grupo experimental refletirem o seu conhecimento fonológico ao nível perceptual no seu conhecimento ortográfico. Este foi o único resultado que foi ao encontro da nossa hipótese de partida, tendo em conta que, no grupo de controle, não foi verificada nenhuma associação tendencialmente positiva entre os erros ortográficos e perceptuais.

Chamou-nos a atenção o fato de essa correlação ocorrer, concretamente, no traço [+ voz], que, por outras palavras, implica erros de desvozeamento. Significa que os erros de ditado de imagens de consoantes oclusivas vozeadas cometidos por participantes do grupo experimental indiciam, de certa forma, alguma correlação com os erros cometidos na identificação de contrastes fonológicos.

O fato de ter sido verificada uma associação positiva (embora marginal) entre ortografia e percepção no traço [+ voz] ao nível do grupo experimental, dá sentido à ideia de que no processo de aquisição da escrita, o sujeito revela conhecimento fonológico ao nível ortográfico. Significa, por outras palavras, assumir que os dados da escrita revelaram conhecimento fonológico dos sistemas linguísticos (ABAURRE, 1991; KATO, 1997). De realçar que o que reforça esta hipótese explicativa é o fato de, no grupo de controle com Português como L1, a associação entre erros de ditado de imagens e de percepção da fala não ter sido positiva.

Depois da apresentação e discussão de resultados de correlações entre ortografia e percepção da fala no interior da mesma, passemos, a seguir, a apresentar as considerações finais.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tinha como objetivo inicial a verificação da existência de eventuais correlações entre desempenho ortográfico e fonológico ao nível perceptual-auditivo em consoantes oclusivas do Português de alunos que têm o *Emakhuwa* como L1 e dos alunos do que têm o Português como L1.

Em relação aos participantes do grupo experimental, ao nível da classe oclusiva, o resultado do teste de correlação



permitiu-nos constatar que, de um modo geral, entre erros ortográficos e perceptuais não existe nenhuma correlação. Chegamos à mesma constatação relativamente aos participantes do grupo controle.

No interior da classe oclusiva, no grupo experimental, os resultados do teste permitiram-nos constatar que a correlação existiu apenas ao nível do traço [+ voz] e tratou-se de uma correlação marginalmente significativa. No interior da mesma classe, ao nível do grupo de controle, não foi verificada nenhuma correlação. Ressalve-se, no entanto, que em ambos os grupos, ao nível da co-ocorrência de traços [anterior e voz], a correlação não foi medida em virtude da falta de condições para o efeito, conforme relatado.

O resultado da correlação, ao nível da classe oclusiva, relativamente ao grupo experimental, não foi ao encontro das nossas expectativas segundo as quais entre ortografia e fonologia ao nível perceptual-auditivo haveria correlações.

O resultado da correlação, no interior da classe oclusiva, ao nível do traço [+ voz] relativamente ao grupo experimental, foi o que validou, parcialmente, a nossa hipótese ao mostrar a existência de correlação marginal entre ortografia e percepção da fala. Trata-se da única situação em que se viu confirmada a tese que vínhamos defendendo de que, no processo da escrita, os participantes refletem o conhecimento fonológico.

Relativamente à correlação, ao nível de outros traços, ainda no grupo experimental, a nossa hipótese foi rejeitada, fato que também ocorreu relativamente aos participantes do nosso grupo de controle.

Apesar de os resultados verificados na classe fonológica estudada e no interior da mesma não terem ido ao encontro do que esperávamos, o fato de uma correlação marginal ter ocorrido no traço [+ voz] ao nível do grupo experimental indicia que as diferenças fonológicas entre sistemas de L1 (*Emakhuwa*) e L2 (Português), em certa medida, possam ter sido determinantes para essa correlação.

É tendo em conta os resultados do presente estudo que sugerimos outras pesquisas que possam trazer novos resultados. Essas pesquisas, contrariamente a esta, devem contar com o envolvimento do maior número de participantes e com base em outra proposta metodológica.

Recomendamos também estudos comparativos com recurso a dados de percepção e de produção em que os participantes tenham características sociolinguísticas idênticas às dos participantes da nossa pesquisa.

Apesar destas limitações, o estudo que é precursor em Moçambique, oferece resultados que podem funcionar como ponto de partida para outros estudos do gênero.



REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: **Anais do II encontro sobre aquisição da linguagem**. Porto Alegre: PUCRS, 1991. p. 1-11.

ADAMOLI, M. A. **Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia**. 2006. 121 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2006. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/ADAMOLI-2006.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

ADAMOLI, M. A. **Um estudo sobre o estatuto fonológico dos ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB a partir de dados orais e ortográficos produzidos por crianças das séries iniciais**. 2012. 195 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2012. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/TESE-MARCO-FINAL.pdf>>. Acesso: 14 mar. 2017.

ASHBY, S.; BARBOSA, S. **Bantu substratum interference in mozambican portuguese**. 2011. Artigo disponível em <https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/AL17.1_2011_AshbyBarbosa.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2016.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BLANK, M. T. **Influências fonológicas na aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português brasileiro)**. 2013. 152 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper e How, 1968.

CUNHA, A. P. N. **A hipo e hípersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. 2004. 132 f. Dissertação de Mestrado (Programa



de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2004. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/anapaula.-disserta1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

CUNHA, A. P. N.; MIRANDA, A. R. M. A hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita. In : **Anais do 4º SENALE**. Pelotas: UCPEL, 2006.

FIRMINO, G. **A situação do Português no contexto multilingue de Moçambique**. s/d. Artigo disponível em: <www.ffch.usp.br/dlcv/lpost/pdf/mes/06.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2017.

FORTIN, M. F. **O processo de investigação: da concepção à realização**. Loures: Luso Ciências, 1999.

GONÇALVES, P. **A génese do Português de Moçambique**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A., 2010.

GUIMARÃES, M. R. **Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais**. 2005. 158 f. Pelotas: Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2005. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1130>. Acesso em: 21 abr. 2019.

KATO, M.; MOREIRA, N.; TARALLO, F. **Estudos em alfabetização**. São Paulo: Ponte, 1997.

KROGER, O. **Report on a survey of coastal makua dialects**. Nampula: SIL, 2005.

MACHADO, R. T. S. **Um estudo sobre os erros motivados pela fonologia na escrita inicial de crianças bilíngues (Português-Espanhol)**. 2014. 108 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1130>. Acesso em: 16 out. 2017.

MATEUS, M. H. M., Fonologia. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Org.). **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003, p. 987-1111.

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais do Português. In: **Anais da ANPEDSul**. Santa Maria: UFSM, 2006.

MIRANDA, A. R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, R. (Org.). **Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

MIRANDA, A. R. M. A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais. In: PINHO, S. Z. (Org.) **Formação de educadores: o papel do educador e sua formação**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009a, p.409-426.

MIRANDA, A. R. M. Os dados de aquisição oral e escrita e o estatuto das codas mediais do Português. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; KESKE-SOARES, M.; BRUM-DE-PAULA, M. (Orgs.) **Estudos em aquisição fonológica**. Santa Maria: Pallotti, 2009b, pp. 111-130.



MIRANDA, A. R. M. Informação fonológica na aquisição da escrita. In: RÉ, A. D.; KOMESU, F.; VIEIRA, A. J. (Orgs.) **Estudos linguísticos contemporâneos: diferentes olhares**. Pelotas: Editora Cultura Acadêmica, 2013, p.11-35.

MIRANDA, A. R. M. A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia. **Revista Letras**, n. 36, 2008.

MIRANDA, A. R. M.; MEDINA, S. Z.; SILVA, M. R. O sistema ortográfico do português brasileiro e sua aquisição. **Linguagem e Cidadania**, n.14, 2005. Artigo disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/28546/16100>> . Acesso em: 23 mar. 2018.

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educação em Revista**, v. 36, p. 1-39, 2020.

MIRANDA, A. R. M.; MATZENAUER, C. L. B. A aquisição da fala e da escrita: relações com a fonologia. In: MIRANDA, A. R. M.; CUNHA, A. P. N. (Orgs.) **Cadernos de educação: a aquisição e o ensino da linguagem escrita**. Pelotas: Faculdade de Educação/UFPEL, 2010, p. 359-405.

MONTEIRO, C. R. **A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas**. 2008. 131 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2008. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1130>. Acesso em: 14 jul. 2017.

NGUNGA, A. **Introdução à linguística bantu**. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

NGUNGA, A. **Interferências de línguas moçambicanas em Português falado em Moçambique**. 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/233615844.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. G. (Orgs.) **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário**. Maputo: UEM, Centro de Estudos Africanos, 2011.

OLIVEIRA, N. L. **O ditongo nasal em dados de escrita inicial**. 2014. 98 f. Dissertação de Mestrado, (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/Dissert-natalia.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

PENIDO, F. A.; ROTHE-NEVES, R. Percepção da fala em desenvolvimento: uma retrospectiva. **Verba Volant**, v.4, n.1, p. 117-140, 2013. Disponível em: <<http://www.researchgate.net/Profile/ROTH>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

ROMBALDI, C. R. M. **Estratégias utilizadas por falantes nativos de Português Brasileiro na aquisição da ortografia das vogais do Francês**. 2003. 136 f. Dissertação de Mestrado, (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação,



Universidade Federal de Pelotas, 2003. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1130>. Acesso em: 12 jun. 2020.

ROMBALDI, C. R. M. **A grafia da nasalidade por alunos de FLE: uma discussão sobre a relação fonologia-ortografia**. 2011. 250 f. Tese, (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2011. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1130>. Acesso em: 12 jun. 2016.

ROQUE, L.; BERTI, L. C. O efeito da idade em uma tarefa de identificação das vogais tônicas do Português Brasileiro. **Audiol Commun Res**, v.20, n.4, p.349-354, 2015. Disponível em: <www.Scielo.br/pdf/acr/v20n4/2317-6431-acr-20-4-0349.pdf>. Acesso em: 27ago.2018.

SCHIER, A. C. **Relações entre percepção da fala e ortografia de crianças em ensino fundamental: características fonológicas**. 2017. 115 f. Tese - "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150218/lopes_acsm_dr_sjrp.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 15 out. 2020.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Editora contexto, 2003.

ZIMBA, C. A. N. **Erros ortográficos de estudantes dos institutos de formação de professores primários em Moçambique**. 2014. 91 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação), Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, 2014.

Recebido em 5 de agosto de 2021.

Aprovado em 29 de maio de 2022.